

Crianças são linguisticamente criativas ou conservadoras? / *Are Children Linguistically Creative or Conservative?*

*Lia Abrantes Antunes Soares**
*Ana Letícia Oliveira Noronha***

RESUMO

Em nossa pesquisa sobre a emergência da gramática, identificamos uma propriedade que recebe menos atenção nos estudos aquisicionais e que parece desconhecida da população em geral que lida e se encanta com os enunciados das crianças. Essa propriedade diz respeito à atitude conservadora observada na produção delas, que, em geral, é caracterizada como criativa. Este recorte de nossa pesquisa, em perspectiva sociocognitiva (ou baseada no uso) alinhada à linguística cognitivo-funcional, visa refletir sobre o conservadorismo e a criatividade, observados nos enunciados dos pequenos. Para tanto, mobilizamos estudos que os conceituam e analisam. A fim de exemplificar na língua em uso os fenômenos em discussão, selecionamos duas cenas de nosso *corpus* de vídeos do tipo diário parental em português brasileiro, divulgado em rede social. As evidências encontradas na literatura e nas cenas analisadas indicam que há uma tendência humana ao conservadorismo que acaba salientando ocorrências criativas no uso da língua. PALAVRAS-CHAVE: Conservadorismo; Criatividade; Diário parental; Emergência da gramática; Sociocognitivismo

ABSTRACT

In our research on the emergence of grammar, we identified a property that receives less attention in acquisitional studies and that seems unknown to the general population that deals with and delights in children's utterances. This property concerns the conservative attitude observed in their production, which, in general, is characterized as creative. This excerpt from our research, in a sociocognitive (or use-based) perspective aligned with cognitive-functional linguistics, aims to reflect on conservatism and creativity, observed in the statements of the little ones. To this end, we mobilize studies that conceptualize and analyze them. In order to exemplify the phenomena under discussion in the language in use, we selected two scenes from our corpus of parental diary videos in Brazilian Portuguese, published on a social network. The evidence found in the literature and in the scenes analyzed indicate that there is a human tendency to conservatism that ends up highlighting creative occurrences in the use of language.

KEYWORDS: *Conservatism; Creativity; Parental diary; Emergence of grammar; Sociocognitivism*

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-0165-413X>; lia.abrantes@letras.ufrj.br

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Apoio: bolsa de iniciação científica recebida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC – UFRJ); <https://orcid.org/0009-0000-2293-9949>; analet1302@letras.ufrj.br

Introdução

Crianças em fase de aquisição de linguagem despertam reações de encantamento em adultos. A expressão dos pequenos é cativante pelos gestos e pelos enunciados: dos bem curtinhos, mas não sem intenção comunicativa, iniciados por volta de um ano de idade, aos mais extensos, quando já se pode observar uma quantidade maior de palavras que se combinam durante as interações em família.

Os comentários dos adultos costumam destacar a fofura, a inteligência e a criatividade da criança, dentre outras habilidades ligadas ao raciocínio. A seleção de comentários a seguir, coletados na rede social *Instagram*, ilustra tais propriedades envolvidas na fala de uma criança durante interações gravadas. São enunciados que se apresentam com alguma previsibilidade em relação à forma e à função, atestada nas interações em redes sociais e que refletem costumes, objetivos e composição de um grupo social, conforme já previsto em Bakhtin (2009).

- (1) *Tô encantada com tanta perfeição. Ela é muito inteligente e linda demais*
- (2) *Ela é realmente muito inteligente, pensou rápido e respondeu em milésimos de segundos.*
- (3) *Gabi tão baby pensa mais rápido que muito adulto!*
- (4) *Ela tem lógica, faz a relação das coisas qdo desconhece o correto.*
- (5) *Gente, essa menina é muito inteligente... adoro ver os vídeos com as criações de histórias que ela cria.*
- (6) *Que criatividade. É uma fofura.*
- (7) *Lindaaaa é muito criativa e esperta*
- (8) *Eu amo os vídeos dela!!! Uma criança muito criativa, quando mando os vídeos dela pra minha mãe no whatsapp ela jura que eu era comunicativa assim tbm, coisa de mãe né 😂😂😂😂*

Fonte: [Gisele Balconi \(@giselebalconi\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

Dentre os comentários adultos, aqueles que ressaltam a criatividade da criança (5-8) estão ligados às cenas interacionais em que seus enunciados apresentam itens com sentido estendido (e.g. (a) ‘*jacaré de parede*’ para lagartixa) ou com alguma alteração morfológica (e.g. (b) ‘eu sou a mamãe e você é a *papaia*’, em que a criança assume o papel de mãe da boneca e a mãe da criança assume o papel de pai; (c) ‘... dezoito, dezenove, *dezedez*’, em uma cena de reprodução de números em sequência). Será que alguém diria que as crianças parecem conservadoras em seus enunciados?

Para discutir essa questão, buscamos, na literatura sobre a emergência da gramática (Tomasello, 2000; 2003; 2015; Goldberg *et al.*, 2004; Goldberg, 2019; Bybee, 2016), explicações sobre os enunciados das crianças durante seus primeiros anos de vida. A orientação teórica desses estudos baseados no uso se fundamenta no pressuposto de que a gramática é emergente diretamente das experiências com enunciados em contexto. Isso significa que os dados da experiência com a língua são organizados na cognição, formando e reformando uma rede de construções (a gramática), ao longo de toda a vida. Nesse sentido, as produções linguísticas dos pais, por exemplo, não são apenas produto de sua rede de construções – ou de sua gramática – mas também fornecem dados para suas crianças, para si mesmos e para outros falantes. Neste enquadramento teórico, não se parte, portanto, de suposições tais como a de uma gramática universal pré-existente, em que categorias como verbos, nomes e estruturas sintáticas seriam inatas.

As construções que integram a rede são unidades simbólicas que representam uma relação entre informações concernentes à forma e ao significado, ou seja, um padrão holístico (Goldberg, 2006). Desde lexemas a estruturas argumentais (*e.g.* transitivas e intransitivas), as construções apresentam posições tanto fixas quanto abertas (*e.g.* [pra lá de ____{adj}]¹; *Ele é pra lá de antipático.*) e tomam parte na rede cognitiva dos falantes. Na dinâmica do processo de emergência da gramática, a frequência de ocorrência das construções tem grande impacto (Bybee, 2016). Crianças demonstram em seus enunciados tipos de construções testemunhadas com frequência na produção de seu país, como veremos mais adiante. Conforme observam Bybee (2016) e Diessel (2019), a frequência fortalece a representação das construções na memória, o que facilita tanto sua ativação quanto o seu processamento durante o uso da língua. O fortalecimento das construções tem um efeito conservador (entrenchamento) que, de acordo com investigações de Hilpert (2021), faz com que os falantes em geral prefiram uma forma já experimentada a outras raramente ou nunca testemunhadas.

Pela perspectiva baseada no uso da língua, temos estudado os enunciados da criança e dos pais, a partir de vídeos do tipo diário parental, encontrados em redes sociais e alocados em nosso *corpus* (seção 2). Neste artigo, nosso objetivo é refletir sobre os fenômenos conservadorismo e criatividade, revisando esses conceitos teóricos na

¹ Para saber mais sobre a construção intensificadora de grau, usada no português brasileiro, recomenda-se a leitura de Oliveira (2023).

próxima seção, e apresentando exemplos analisados, mais especificamente, de duas cenas interacionais, na seção 3. Na quarta seção, concluímos o texto com considerações sobre os dois fenômenos revisados.

1 Conhecimento linguístico: enunciados criativos ou conservadores?

A criatividade, considerada uma propriedade importante que distingue humanos de não humanos, assume uma posição bastante proclamada na tensão entre as capacidades humanas de imitar convenções e a de criar novas formas de expressão a partir de outras. As duas parecem ser vantajosas para as crianças iniciantes no processo de construção de seu repertório linguístico. Sendo assim, vale um destaque sobre o papel da imitação, propriedade nada trivial, como se poderia supor.

A tradição inatista defende que o papel da imitação durante a aquisição da linguagem é mínimo. Nessa perspectiva, assume-se que a imitação (i) seria uma capacidade de nível inferior, identificada em não humanos e (ii) seria impeditivo para acionamento de outros mecanismos cognitivos, conforme aponta Bybee (2016). Se, no entanto, não humanos não são tão bons e rápidos em tarefas imitativas simples ou complexas quanto os humanos, questiona-se se de fato a imitação seria uma capacidade de nível inferior e se bloquearia mecanismos de categorização, segmentação e combinação de elementos. Pesquisas baseadas no uso reconhecem o papel nada trivial da imitação aliado a outros mecanismos cognitivos para explicar a emergência e o funcionamento da linguagem. A imitação é entendida como uma habilidade que aciona segmentação, percepção de variação e coordenação de elementos, como indica a autora.

Tomasello (2003) explica que a imitação de símbolos comunicativos (a aprendizagem cultural) se dá quando a criança entende que, para se comunicar, ela deve imitar os adultos, invertendo papéis na interlocução. Do contrário, ela reproduziria enunciados dirigidos a ela mesma e não ao seu interlocutor. Esse processo de imitação com inversão de papéis, não verificada nos não humanos, garante à criança que ela está agindo de acordo com as *convenções comunicativas* (símbolos pré-existentes) e, portanto, seu interlocutor a compreende e a comunicação se efetiva. A capacidade de interagir em sociedade, inicialmente imitando adultos, sugere que, por inferência pragmática, a criança

aprende a vincular forma e significado dos símbolos comunicativos usados em contextos dos quais participa.

Em geral, a partir dos 12 meses, as crianças começam a reproduzir as fórmulas usadas pelos adultos, embora o que elas consigam articular sejam fragmentos de enunciados com tendência conservadora. Tomasello (2000; 2003; 2015) explica que, apesar de a produção inicial das crianças se realizar com uma palavra (ou parte dela), as chamadas holófrases, ou ainda uma combinação de duas palavras, a intenção delas é a produção de enunciados tal como elas os identificam na produção dos pais (e.g. ‘*acaco*’ para identificar um macaco, ou ‘*a bóqui*’, para o brócolis). Mesmo em uma produção fragmentada e curta, a criança tem uma intenção comunicativa apropriada ao contexto já experimentado, e uma expectativa de que seu enunciado seja compreendido pelo adulto.

O autor observa que crianças até 3 anos de idade mais imitam do que criam. A imitação fortalece as construções testemunhadas em contexto, aumentando a frequência de uso, fator este que molda a rede de construções da criança. Essa dinâmica ‘imitação-frequência’ pressiona uma atitude conservadora. O conservadorismo consiste em um bloqueio ou uma resistência à variedade de usos, fortemente relacionado à frequência com que certos enunciados são testemunhados e reproduzidos pela criança, afetando seu repertório, de modo que lhe parecem a única forma de dizer. Daí tem-se a relação do conservadorismo com a imitação ou aprendizagem cultural que, desde o início, molda a cognição e a expressão humanas como altamente conservadoras.

A partir de resultados de vários experimentos, Tomasello (2003) identifica que os enunciados dos pequenos podem ser conservadores, mas não em sua totalidade. Em perspectiva mais estrita, Snyder (2011, p. 2), refutando essa visão por ele nomeada como *conservadorismo superficial*, defende que “as crianças não fazem uso produtivo e espontâneo de uma nova estrutura sintática até que tenham determinado que a estrutura é permitida na língua adulta e tenham identificado a base gramatical dos adultos para isso”² (grifado no original).

Alinhada à perspectiva de Tomasello, Goldberg (2019) revisa evidências de que as crianças armazenam enunciados com associações entre significados e formas, em dois níveis de conhecimento. No primeiro nível, observa-se, por exemplo, a aquisição de

² No original: “Children do not make productive, spontaneous use of a new syntactic structure until they have both determined that the structure is permitted in the adult language, and identified the adults’ grammatical basis for it” (grifado no original).

padrões sintáticos verbo a verbo, na medida em que elas aderem a tais unidades linguísticas como foram testemunhadas na fala dos adultos. Dessa forma, elas evitam se desviar do que os adultos usam nas interações, por isso, tendem a produzir enunciados conservadores. Enquanto não se sentem confiantes para novos usos ou não conseguem reconhecer paralelos relevantes nos exemplares usados pelos adultos, *tendem* à produção de enunciados “mais seguros” para expressão de suas intenções comunicativas.

A hipótese dos verbos insulados (Tomasello, 2003) consiste na ideia de que, inicialmente, o inventário das construções linguísticas da criança se apresenta com verbos específicos que têm em seu entorno posições para encaixes de participantes com papéis marcados. O autor destaca algumas representações dessas construções, observadas em suas pesquisas, desde esquema bastante simples com alguns verbos, tal como ‘*Cut* ___’ [Corte ___], até esquemas complexos e variados, tais como ‘*Draw* ___’ [Desenhe ___]; ‘*Draw* ___ *on* ___’ [Desenhe ___ no ___]; ‘*I draw with* ___’ [Eu desenho com ___]; ‘*Draw* ___ *for* ___’ [Desenhe ___ para ___], ‘___ *draw on* ___’ [___ desenha no/a ___]. Assim, a formação de esquemas como esses revela que a criança aprende imitativamente as peças concretas recorrentes na língua, para funções concretas.

Do conhecimento específico sobre o uso de cada verbo e seus argumentos, a criança passa à generalização de propriedades que configuram as construções de estrutura argumental (em que os argumentos correspondem aos papéis semânticos de agente, paciente, locativo, recipiente, tema etc.), evidenciando a emergência do segundo nível de conhecimento. Conforme Goldberg (2019), antes, no entanto, de alcançar este nível de conhecimento, a criança também pode supergeneralizar ou simplificar, quando não identifica certas distinções nos enunciados testemunhados, como sugere o seguinte exemplo: “me põe”³ – em que a criança estende uma máscara para a mãe, em atitude de pedido. Se aos 17 meses ela usa o verbo ‘pôr’⁴, presume-se que o testemunhe em padrões [Verbo (Obj.) Locativo]: ‘põe aqui/ali/no chão’, mas ainda não testemunhe ‘põe em mim’. Se há uma tendência conservadora, parece que, nos dados do *input*, a posição do locativo ainda não lhe oferece suficientes evidências com preenchimento por um item da categoria com propriedade animada.

³ O enunciado produzido pela criança de 17 meses está disponível em [G_17_me põe](#).

⁴ No *corpus*, a primeira ocorrência do verbo ‘pôr’ foi identificada aos 17 meses, no referido enunciado.

Se por um lado ela se desvia do padrão com o verbo pôr (pôr (x) y), testemunhado em enunciados adultos com função de ordem/pedido, por outro, parece que ela supergeneraliza, preenchendo a posição pré-verbal com o item ‘me’, tal como em enunciados do tipo ‘me dá a bola’ ([me V O]_{BITRANSITIVO}). Esse padrão bastante frequente, no entanto, é parcialmente produtivo em português, ou seja, um padrão não tão permissivo a ponto de seus falantes experientes incorporarem em sua rede gramatical a sequência de beneficiário ou locativo precedendo o verbo ‘pôr’.

Aos 17 meses, essa criança ainda não pôde observar as restrições dos dois padrões, e, como outras crianças, ocasionalmente, supergeneraliza (Goldberg *et al.*, 2004). O enunciado sugere que ela está começando a aprender a construção com locativo. Até esse momento, aprendeu parcialmente uma fórmula: ela se coloca como participante beneficiário (um item variável) em um evento materializado por um item constante – o verbo. O item objeto (a máscara) ainda não é expresso em posição pós-verbal da fórmula, mas se materializa no gesto direcionado à mãe. Em poucos meses, participando de mais interações, ela observa e usa mais enunciados com o verbo ‘pôr’ (e com outros verbos), conforme identificamos no *corpus*: “põe na mão” (24 meses); “põe lá no alto” (30 meses); “põe a roupa aqui” (32 meses). Suas experiências interacionais levam-na a um conservadorismo centrado no verbo (Goldberg *et al.*, 2004) – os verbos ilha (Tomasello, 2003).

Se as crianças mais imitam o que já testemunharam, sendo conservadoras no uso da língua, qual é o lugar da criatividade? Na medida em que aprendem a usar enunciados⁵ de acordo com as convenções sociais e em situações recorrentes, elas se tornam capazes de deduzir sozinhas relações categoriais e analógicas (segundo nível de conhecimento), o que Tomasello chama de *salto criativo*.

Elaborar um enunciado criativo envolve, então, operações sintáticas baseadas no uso, nas quais a criança integra construções e elementos já dominados de várias formas, tamanhos e graus de abstração de alguma maneira que seja funcionalmente apropriada para o evento de uso em questão⁶ (Tomasello, 2000, p. 77).

⁵ Tomasello (2003) define enunciado como um ato linguístico produzido por uma pessoa em um único contorno entoacional e com uma intenção comunicativa coerente com o contexto comunicativo em que se encontram os interlocutores.

⁶ No original: “Putting together a creative utterance then involves usage-based syntactic operations in which the child in some way integrates already mastered constructions and elements of various shapes, sizes, and degrees of abstraction in some way that is functionally appropriate for the usage event at hand.”

As posições sintáticas passam a ser preenchidas pela criança com mais itens que mantêm alguma similaridade, principalmente de sentido, com aqueles anteriormente usados em seus enunciados. Bybee (2016) destaca que a probabilidade e a aceitabilidade de um novo item em dado padrão construcional, como por exemplo ‘__ pôr__ __’ (SVOL), são graduais e se baseiam na extensão das similaridades identificadas em usos mais antigos. Sendo assim, crianças não criam enunciados totalmente novos.

Crianças são consideradas criativas, portanto, quando generalizam ou estendem padrões de uso dos enunciados que testemunharam na fala de seus pais. Quando podem perceber similaridades entre usos das expressões linguísticas, tiram proveito delas para estendê-las a mais situações comunicativas. Em pouco tempo, a depender da qualidade das interações que a família pode lhe oferecer, a criança é capaz de deslizar de sua atitude linguística conservadora para uma generalista e criativa. O conservadorismo, no entanto, não desaparece. Crianças e adultos continuam preferindo enunciados convencionais aos criativos: “consideramos os usos criativos ‘errados’ quando existe uma maneira alternativa convencional de expressar a mesma mensagem, porque vemos a linguagem normativamente: consideramos que existem maneiras ‘corretas’ de usar nossa língua”⁷, como explica Goldberg (2019, p. 61).

2 Metodologia a partir de diários parentais

Neste estudo, trabalhamos com uma pequena amostra de um *corpus* não convencional nos estudos aquisicionais. Diários parentais (DP), dedicados a relatar o uso da língua por crianças, são registros praticados há pelo menos cinco séculos. Em estudo realizado por Perini-Santos *et al.* (2019), os autores destacam a diferença desses diários sem controle do tempo, do horário e do local das observações registradas, além da falta de informações sobre o perfil social da criança e da representação das amostras, requisitos dos diários parentais com valor documental validado pela tecnologia do gravador de voz, a partir da década de 1960.

⁷ No original: “[...] we consider creative uses ‘wrong’ when there exists a conventional alternative way to express the same message, because we view language normatively: we consider there to be ‘right’ ways to use our language.”

Hoje, nas redes sociais, é possível acompanhar uma vasta quantidade de DP em áudio e vídeo, embora nem sempre as publicações sejam acompanhadas de detalhamento sobre a idade precisa da criança e sejam editadas pelos responsáveis. Se de um lado não seguem protocolos científicos para registro das amostras, por outro, a espontaneidade das interações sem a presença do pesquisador é uma vantagem. Dessa forma, os DP publicados nas redes sociais de perfil aberto parecem uma alternativa interessante para pesquisas que envolvem crianças, observando-se os devidos cuidados.

Em curtos vídeos do tipo DP, é possível observar o percurso de desenvolvimento linguístico da criança e o tipo de enunciados produzidos pelos pais. Algumas dessas publicações demonstram que as crianças experimentam uma parentalidade sensível ao desenvolvimento tanto socioemocional quanto linguístico. As cenas apresentadas em vídeos curtos revelam amostras dos tipos de enunciados das crianças e dos pais que com elas compartilham conhecimentos linguístico, afetivo e cultural. Nessas cenas, elas observam e experimentam formas de dizer, revelando os fenômenos criatividade e conservadorismo.

Cenas interacionais oferecem à criança oportunidades de perceber variedades de combinações de palavras da língua nos enunciados de seus pais. Tais combinações podem ser identificadas durante cenas cotidianas, como, por exemplo, aquelas em torno das refeições. Durante o primeiro ano, ela observa ações dos pais associadas a determinados enunciados sobre os alimentos: nomeação combinada à apontação (Isso é batata.); oferta de mais quantidade com expressão facial e com entonação de indagação (Quer mais batata?); avaliação do gosto com expressão facial de agrado (Essa batatinha tá muito gostosa, huuuum!); e satisfação com expressão de agrado (Comeu tudo! Tá satisfeita?), dentre tantos outros. Nesses enunciados, ela encontra fórmulas de dizer e de agir, derivadas de tal situação comunicativa e convencionalizadas em seu meio sociocultural. Nas redes sociais, é possível encontrar exemplares de cenas cotidianas que veiculam esses tipos de enunciados, durante os primeiros três anos da criança, passíveis não só de análise gramatical, mas também de análise discursiva, conforme defendem Del Ré *et al.* (2021).

Sendo assim, neste estudo, para demonstrar o conservadorismo e a criatividade da criança, selecionamos duas cenas alocadas em um *corpus* do tipo DP, com 219 vídeos⁸

⁸ Os pais assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em que constam informações sobre o tipo de estudo em que os vídeos podem ser usados.

transcritos, originalmente gravados pela mãe da criança e publicados na rede social [@giselebalconi](#). As interações são de uma família brasileira residente em São Roque, cidade do interior de São Paulo, com alto IDH [0,768](#), conforme IBGE (2010).

3 Evidências da criatividade e do conservadorismo

Considerando as indicações de experimentos reportados por Tomasello (2003; 2015), de que até 3 anos de idade as crianças mais imitam do que criam, selecionamos para a análise dos fenômenos criatividade e conservadorismo, cenas interacionais a partir de 24 meses. Na cena (1), Gabi tem 2 anos e 3 meses e na (2), Gabi tem 2 anos e 9 meses.

Em (1), Gabi aparece andando com uma palmilha na mão, em direção a um par de tênis que está sobre uma cadeira, quando a mãe lhe direciona uma pergunta.

Mãe: Que que cê fez?

Gabi: Peguei

Mãe: Que que cê pegou?

Gabi: O lençol (.) do sapato

Mãe: Que que cê pegou?!

Gabi: O lençol do sapato

Mãe: Huum, tá colocando de volta?

Essa cena revela mais que uma escolha vocabular não convencional para nomeação de um objeto cuja forma linguística a criança ainda desconhece (palmilha). Além das atitudes conservadoras e criativas da criança, observa-se a importante atitude da mãe, motivadora da produção linguística da criança, a partir de perguntas. A mãe solicita a participação enunciativa da criança, o que ativa a busca por um item para completar o padrão transitivo e propicia a manutenção da interação. Vejamos o efeito das perguntas.

O primeiro enunciado da criança (“Peguei”) não se materializa pela típica combinação transitiva [verbo + objeto], já testemunhada por ela durante as interações em família, a julgar pelos vídeos que compõem o *corpus*. Esse é um indício de que falta a ela uma palavra para nomeação do objeto em suas mãos, apropriada para completar a construção centrada no verbo: [pegar ____]. Gabi, inicialmente em atitude conservadora,

não quer arriscar um enunciado não testemunhado anteriormente (Peguei a palmilha), além de presumir que sua interlocutora deduza pelo contexto a informação não articulada.

Retomando Tomasello, há situações em que as crianças têm disponíveis unidades linguísticas experimentadas, armazenadas e recuperadas para expressão de suas intenções comunicativas. No entanto, quando elas ainda não têm uma unidade linguística prontamente disponível, como se observa na cena (1), recuperam esquemas e unidades linguísticas já experimentados e operam “cortando e colando”, como em uma operação sintática baseada no uso, com vistas à manutenção da interação.

No segundo enunciado, estimulada por mais uma pergunta da mãe, Gabi encontra uma unidade linguística já conhecida, a fim de completar o segundo item do esquema transitivo [V + O]: ‘lençol’. Parece que Gabi generaliza a função de cobertura associada a peças domésticas nomeadas como ‘lençol’ e preenche a lacuna pós-verbal com esse item já aprendido, a fim de completar seu enunciado e responder a pergunta de sua mãe. A criança consegue reconhecer paralelos funcionais e gramaticais (relações analógicas e categoriais) relevantes entre lençol e palmilha.

Depois de uma breve pausa, especifica o tipo de lençol, usando ‘lençol de sapato’ que tem subjacente um tipo de esquema construcional [x de y], em que se conformam construções nominais do português. Essa atitude demonstra desenvolvimento de sua habilidade de generalização em que “corta e cola” unidades linguísticas, sendo interpretada como criativa. Gabi foi capaz de manter a interação com o repertório que ela conseguiu construir até 27 meses, de forma conservadora e criativa. Salientamos que a criatividade se manifesta a partir de construções já conhecidas, do contrário não seria possível compreender enunciados criativos.

Em (2), o pai segura uma boneca de pano enquanto Gabi oferece à tal boneca uma bebida em um copo com canudo. Os enunciados do pai são pronunciados com voz aguda, com a intenção de representar a boneca como uma agente interacional diferente dele.

Pai: Eu não quero mais não, obrigada! Já tô satisfeita

Gabi: Você não comeu. Você bebeu

Pai: Eu bebi. Eu bebi um monte. Eu já tô satisfeita

Gabi: Satisfeita é comer

Pai: Beber é o quê?

Gabi: É tomar água

Pai: Mas eu tô satisfeita de tomar água

Gabi: Satisfeita é de comida, né, mamãe?

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67012p, abril/jun. 2025

Pai: Ah, tá.

Na segunda cena, é forjada uma situação em que a criança assume o típico papel de adultos que, em geral, são aqueles que oferecem bebida e comida. Essa oportunidade de troca de papéis propicia à criança a experimentação de atos linguísticos variados e, dessa forma, ela se coloca em situações que ativam (i) tanto a imitação de enunciados que os adultos costumam falar, evidenciando atitude conservadora, (ii) quanto a criatividade com o manejo dos padrões da língua, a fim de manter a interação, mesmo com um ainda reduzido repertório de construções linguísticas.

Nessa interação, simulando a fala de uma boneca, o pai assume o papel frequentemente desempenhado por crianças que, em geral, aceitam ou recusam alimentos que lhe são oferecidos por adultos. Quando a boneca recusa a bebida oferecida pela criança, o pai usa um enunciado (“Já tô satisfeita”) que parece não ter sido testemunhado por Gabi, quando o que envolve a recusa diz respeito a bebidas. A cena revela uma oportunidade de a criança se manifestar em relação aos enunciados de seus interlocutores, demonstrando alguma reflexão sobre a língua e seus usos, conforme indica estudo de Del Ré *et al.* (2021), em abordagem dialógico-discursiva.

Ao advertir o pai com uma sequência típica de dois enunciados – um negativo e um afirmativo - “Você não comeu. Você bebeu”, ela revela uma atitude conservadora em relação ao enunciado dele. Parece que suas experiências anteriores com outras ocorrências do enunciado ligado aos atos de recusa (Já tô satisfeito(a)), provavelmente, foram associadas apenas à comida. A reação da criança se alinha aos achados de Tomasello (2000; 2003) que sugerem não apenas que as crianças dizem o que experimentam, mas que quanto mais experimentam um dado enunciado (frequência de uso), mais lhes parece ser a única maneira de dizer. Ou, como explica Goldberg (2019), elas evitam se desviar do que já testemunharam porque sua capacidade, ainda reduzida, de generalização decorre de sua capacidade também reduzida de apreciar as dimensões relevantes nos exemplos, necessárias para que ela tire proveito do que é semelhante e do que é distinto.

Quando Gabi diz “Satisfeita é comer” e “Satisfeita é de comida”, evidencia seu conhecimento da construção com o verbo ‘é’, tipicamente usada para expressar uma definição. Gabi aciona a construção equativa cujo padrão envolve posições em torno do verbo ‘é’ – [SN¹ é (de) SN²]_{DEFINIÇÃO}, já armazenada. Ela usa essa construção com função

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67012p, abril/jun. 2025

de definição, preenchendo as posições de sintagmas nominais com itens já conhecidos, variando o preenchimento do SN² com uma forma infinitiva (comer) e um nominal precedido de preposição (de comida), como em uma operação de recorte e cola. Isso demonstra o desenvolvimento de sua habilidade sintática e criativa em torno de tal construção com um verbo insulado.

Nem só conservadora, nem só criativa. De qualquer forma, as cenas entre a criança e os pais foram uma oportunidade para Gabi perceber mais um uso para um mesmo enunciado, assim como ocorre com outros tantos na língua.

Considerações finais

Como exemplificado nas duas cenas parentais, há uma tendência ao conservadorismo na fala da criança, mas não em sua totalidade. Crianças associam sentidos às construções linguísticas e conservam-nos como a única forma de expressão até que possam testemunhar novos usos para substituir formas e/ou sentidos ou ampliá-los em seu repertório. Sua criatividade fica saliente depois que elas dominam um padrão gramatical e neles combinam itens para expressar sentidos, no entanto, não criam enunciados totalmente novos, ou seriam ininteligíveis para seus interlocutores.

Além da discussão sobre criatividade e conservadorismo, a interação entre pais e filhos tem um papel poderoso no desenvolvimento linguístico da criança. Estudos com crianças indicam que os pais, ao conversarem com seus filhos, estimulam a produção linguística, de forma que os efeitos são percebidos em termos de amplitude do repertório linguístico e de desenvolvimento da fluência verbal. Os adultos fazem perguntas; provocam imitações; pedem clarificação; reformulam e expandem enunciados da criança, construindo uma base consistente para seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e socioemocional.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. Prefácio Roman Jakobson. Apresentação Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 2009. [1929]

- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão Técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016. [2010]
- DEL RÉ, Alessandra. HILÁRIO, Rosangela Nogarini. VIEIRA, Alessandra Jaqueline. A linguagem da criança na concepção dialógico-discursiva: retrospectiva e desafios teórico-metodológicos para o campo de Aquisição da Linguagem. *Bakhtiniana, Rev Estud Discurso*, v.16 (1), 2021, pp. 12–38. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457348071>. Acesso em 27 de mai. 2024.
- DIESSEL, Holger. *The Grammar Network: How Linguistic Structure Is Shaped by Language Use*. Cambridge University Press, 2019.
- GOLDBERG, Adele. CASENHISER, Devin M. SETHURAMAN, Nitya. Learning Argument Structure Generalizations. *Cognitive Linguistics*, vol. 15, no. 3, 2004, pp. 289-316. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.2004.011>.
- GOLDBERG, Adele E. *The Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, Adele. *Explain me This: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions*. New Jersey: Princeton University Press, 2019.
- HILPERT, Martin. *Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar*. Leiden, Boston: Brill, 2021.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Gramaticalização e construcionalização na pesquisa funcionalista. In: Oliveira, M. R. de; Lopes, M. G. (Orgs.). *Funcionalismo linguístico: interfaces*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.
- PERINI-SANTOS, Pedro. FERREIRA-SANTOS, Lídia; LEAL, Jéssica; BODOLAY, Adriana Nascimento. Pesquisa longitudinal: a evolução do uso lexical de uma criança dos 5 aos 22 meses de vida em um diário parental / Longitudinal Research: Lexical Use Evolution of a Child from 5 to 22 Months of Age. *Rev. Estud. Ling.*, vol. 27, n. 1, 2019, pp. 73-104. Disponível em <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12726>. Acesso em 20 fev. 2025.
- SNYDER, William. Children's Grammatical Conservatism: Implications for Syntactic Theory. In N. Danis, K. Mesh, & H. Sung (Eds.), *Proceedings of the 35th Annual Boston University Conference on Language Development*, vol. 1. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2011, pp. 1-20.
- TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003. [1999].
- TOMASELLO, Michael. First Steps toward a Usage-Based Theory of Language Acquisition. *Cognitive Linguistics*, 11(1-2), pp. 61-82, 2000.
- TOMASELLO, Michael. The Usage-Based Theory of Language Acquisition. In: Bavin EL; Naigles LR (eds). *The Cambridge Handbook of Child Language*. Cambridge Univ. Press, 2015. pp. 89-106.

Recebido em 03/06/2024

Aprovado em 24/02/2025

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67012p, abril/jun. 2025

Declaração da contribuição das autoras

As autoras declaram a seguir suas contribuições para a produção do artigo: o artigo foi concebido por Lia Abrantes Antunes Soares e, em parceria com Ana Letícia Oliveira Noronha, foi planejado e discutido. A redação foi feita pela primeira autora e revisada e comentada pela segunda. A análise dos dados foi realizada pelas duas autoras.

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O artigo trata de temática atual e relevante. Do ponto de vista formal, o texto é objetivo e está bem escrito, de acordo com as normas ortográficas e textuais, com algumas pequenas falhas destacadas em vermelho no próprio texto original. Sob a perspectiva do conteúdo, o trabalho ganharia em qualidade se o enquadre teórico que fundamenta a pesquisa fosse mais bem desenvolvido, como apontado no texto original. Tirando essas ressalvas, o artigo deve ser publicado. As referências bibliográficas são atuais e pertinentes ao assunto abordado. APROVADO COM SUGESTÕES [Revisado]

Maria Angélica Furtado da Cunha – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3128-6852>; angefurtado@gmail.com

Parecer emitido em 20 de junho de 2024.

Parecer II

O artigo intitulado "As crianças são criativas ou conservadoras?" apresenta originalidade e tem potencial de contribuição para a área de estudos linguísticos, em especial, para os estudos sociocognitivos. O objetivo do trabalho está explicitado na introdução e é coerente com o seu desenvolvimento no texto. Além disso, o texto mostra conhecimento sobre o tema proposto, bibliografia atualizada e compatível com a proposta. O texto é claro, possui correção e a linguagem é adequada ao campo científico.

Em relação aos aspectos que precisam ser observados, passo a enumerá-los a seguir:

1) o título é adequado, mas falta-lhe especificação do tipo de conservadorismo e do tipo de criatividade que se propõe falar. Se se acrescentar o advérbio "linguisticamente" pode resolver o problema: "Crianças são linguisticamente criativas ou conservadoras?";

2) No resumo, os resultados não estão explicitamente enunciados como resultados. Sugere-se que se faça isso;

3) O artigo rompe com o modelo tradicional de artigos científicos. No lugar da introdução, apresenta-se a seção "Impressões sobre a fala da criança". Não há uma seção metodológica separada do restante das seções. As informações metodológicas estão diluídas na introdução e no desenvolvimento. Como metodologia nos estudos científicos em geral e nos estudos linguísticos em particular tem fundamental importância, sugere-se que seja construída uma seção metodológica para tipificar o estudo que foi realizado, descrever como os dados foram gerados, os critérios de seleção e de exclusão, os parâmetros de análise;

4) No desenvolvimento teórico, os conceitos de conservadorismo e criatividade são mais ou menos inferidos pelo leitor. Sugere-se a explicitação dos dois conceitos por estudiosos da perspectiva sociocognitiva;

5) Nas informações metodológicas, há a informação de que o corpus da pesquisa são 219 vídeos do tipo diálogo parental. Fez-se, no artigo, a análise de duas situações descritas dos vídeos. Sugere-se que se apresente mais explicitamente qual/is foi/ram a/s conclusão/ões a que se chegou da análise dos 219 vídeos. Ou, sugere-se que se diga simplesmente que serão apresentadas conclusões somente das duas cenas apresentadas, e não dos 219 vídeos analisados, para que a informação dos 219 vídeos não fique inócua no texto.

Diante dessas considerações, sou pela publicação do artigo, desde que observados os apontamentos. **CORREÇÕES OBRIGATÓRIAS [Revisado]**

Leosmar Aparecido da Silva – Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3954-3518>; silva515@ufg.br

Parecer emitido em 14 de junho de 2024.

Parecer III

O artigo tem profundidade teórico-metodológica e está apto para publicação. **APROVADO**

Leosmar Aparecido da Silva – Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3954-3518>; silva515@ufg.br

Parecer emitido em 14 de agosto de 2024.

Editores responsáveis

Adriana Pucci Penteadó de Faria e Silva

Beth Brait

Bruna Lopes

Maria Helena Cruz Pistori

Paulo Rogério Stella

Regina Godinho de Alcântara